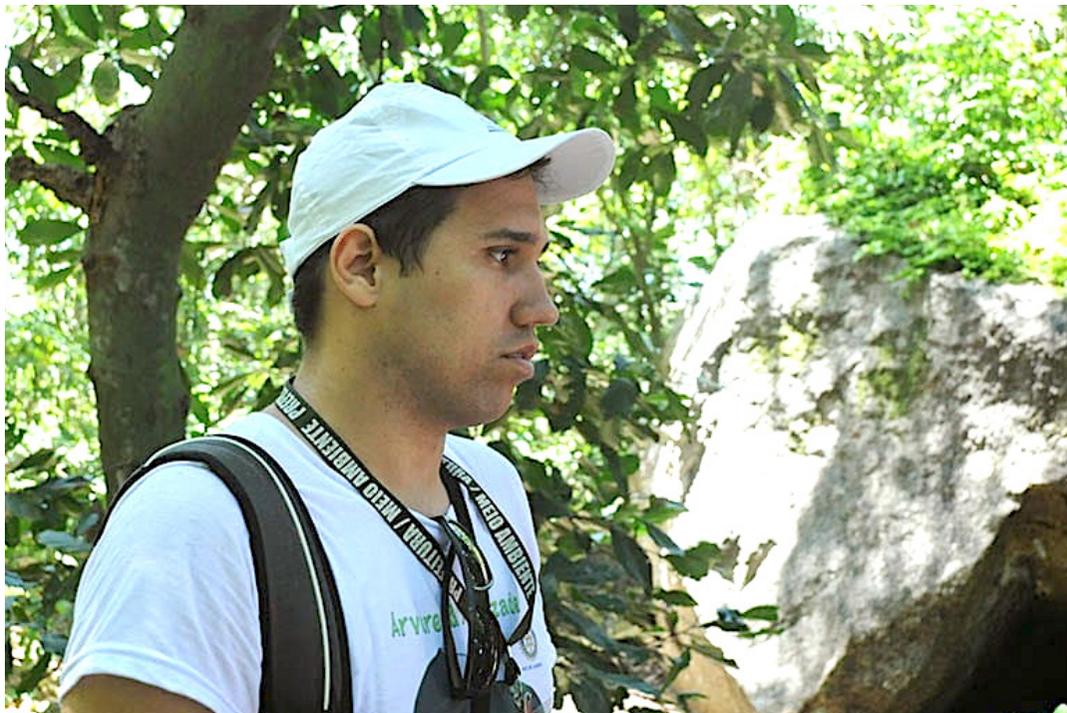


ENTREVISTA

Nesse número, entrevistamos¹ **Marcelo Barros de Andrade** da Secretaria Municipal de Meio Ambiente do Rio de Janeiro (SMAC). Biólogo, formado em 2003 pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), é Gestor do Monumento Natural dos Morros do Pão de Açúcar e da Urca e do Parque Natural Municipal Paisagem Carioca e Coordenador-Geral do Mosaico Carioca de Áreas Protegidas.



Marcelo Barros de Andrade

E&C: Quais as principais características da visitação no Monumento Natural dos Morros do Pão de Açúcar e da Urca? Existem ações específicas no sentido de integrar a unidade à rede pública de ensino para a valorização do MoNa como espaço de formação socioambiental?

Marcelo: O perfil da visitação é bastante diversificado. Há desde o Turismo de massa que é composto pela visitação do Complexo turístico do Pão de Açúcar (os cumes dos Morros) através do passeio de teleférico (Bondinho), que representa a maior parte da visitação do MoNa, até os que utilizam diariamente a Pista Cláudio Coutinho para realizar atividades físicas (corrida e caminhada), que são os frequentadores mais assíduos, representados por moradores do bairro da Urca e seu entorno. Há também os visitantes que buscam o contato com a natureza através da prática de esportes, como o Montanhismo, que é representado pelos escaladores e trilheiros. Pescadores também são frequentadores tradicionais.

Apesar de estarem previstas no Plano de Manejo, através do Programa de Educação Ambiental e Integração com o Entorno, não há de forma sistemática e organizada a realização dessas ações. Esporadicamente são realizadas atividades com o Espaço de Desenvolvimento Infantil (EDI) Gabriela Mistral, escola municipal de educação infantil vizinha ao MoNa.

E&C: O MoNa possui especificidades em razão do seu contexto urbano, da relação com atividades esportivas e de aventura e da parceria com uma empresa privada. Como o Plano de Manejo foi pensado para dar conta dessas particularidades e quais foram os principais desafios para a gestão da UC?

¹A entrevista, em respeito às exigências sanitárias impostas pela COVID-19, foi realizada de forma remota por meio de mensagens eletrônicas entre o entrevistado e o editor da E&C, Rodrigo Machado Vilani.



Vista do Monumento Natural dos Morros do Pão de Açúcar e da Urca. Foto: Áthila Bertoncini.

Marcelo: foi pensada numa construção coletiva envolvendo todos esses atores sociais. O Plano elaborado com ampla participação da sociedade civil e dos órgãos públicos que atuam no território. Também foi pensado dentro do contexto e da realidade de uma Unidade de Conservação urbana, priorizando a visitação, tanto que no seu zoneamento não há área intangível ou similar, ou seja, toda a área do MoNa é visitável.

Dentre os principais desafios, destaco a relação com as instituições que já atuavam na gestão desse espaço antes de ser declarado como unidade de conservação. Houve também resistências tanto quanto à mudança de alguns hábitos não compatíveis a essa nova área protegida como à mudança na lógica de gestão dessa nova área e à aceitação de que a gestão passou a ser de um órgão ambiental. Apesar de que na prática a gestão é de certa forma compartilhada e integrada com estas instituições. Mas a relação tem se aprimorado e as resistências diminuído ao longo do tempo.

Outro desafio importante e fundamental é o baixo apoio institucional conferido à Unidade, que está entre a três mais visitadas do país. O MoNa não possui uma sede administrativa ou qualquer estrutura física de apoio à gestão, comprometendo ações básicas da gestão, como fiscalização, educação ambiental, dentre outras.

E&C: A emergência da COVID-19 desencadeou um conjunto de modificações na sociedade em escala global. Como os protocolos sanitários foram pensados e implementados para a reabertura do MoNa?

Marcelo: Os protocolos seguiram as recomendações das instituições de saúde e dos instrumentos legais editados pelo poder público. Dentro dessas diretrizes, elaboramos em conjunto com o Conselho Gestor do MoNa (CONSEMONA) um documento com protocolos para o MoNa, compatíveis com as suas particularidades. Fomos uma das primeiras UCs a reabrir aos fins de semana em tempo integral. Mas sempre seguindo um planejamento discutido e aprovado pelo conselho e sempre seguindo as diretrizes dos órgãos centrais. As discussões eram tão intensas que se chegou a realizar reuniões do CONSEMONA semanalmente.

E&C: Em 2021 foi iniciada a revisão do Plano de Manejo, exatamente neste contexto de pandemia. Poderia apontar as principais oportunidades e destacar os desafios centrais nesse processo de revisão?

Marcelo: O período em que foi iniciada a revisão ter sido durante a pandemia foi casual, pois já havia uma necessidade de revisá-lo e estávamos discutindo no Conselho há algum tempo essa possibilidade.

A revisão do Plano de Manejo está sendo realizada por uma Câmara Técnica (CT) do CONSEMONA composta por representantes de algumas das instituições do Conselho e voluntários externos, dentre elas a pesquisadora e ex-aluna do PPGE/UNIRIO, Roberta Pena, que em sua dissertação de Mestrado desenvolveu, através do Excel, uma ferramenta de monitoramento e avaliação para Planos de Manejo, tendo o MoNa como o estudo de caso. Roberta também atuou como conselheira do MoNa representando a Cia Caminho Aéreo Pão de Açúcar (Bondinho) e toda essa experiência e conhecimento sobre o MoNa tem contribuído muito. Os dados de sua pesquisa e a referida ferramenta do Excel tem norteado os trabalhos da CT.

As principais oportunidades foram a de ajustar e adequar o Plano à realidade atual, pois muitas das ações pensadas no contexto da época em que o Plano foi elaborado não se confirmaram como o planejado. Com isso procuramos trabalhar no sentido de transformá-lo em um documento mais enxuto e executável de fato.

O desafio central é a própria análise de um documento tão denso e complexo.

E&C: Pesquisadores(as) e entidades ligadas ao (eco)turismo têm analisado, além dos impactos econômicos da COVID-19 sobre o setor turístico, a valorização do contato com a natureza para o bem-estar da sociedade. A partir da sua experiência e trajetória na gestão de unidades de conservação, qual a sua opinião sobre o papel dos planos de manejo e de uso público, por exemplo, nesse processo? Você acredita em mudanças substanciais no uso público nos próximos anos?

Marcelo: O papel dos Planos de Manejo e uso público será fundamental nesse processo, justamente pela valorização desses espaços que promovem experiências em contato com a natureza. Pois mesmo antes da pandemia já estava ocorrendo um crescimento da visitação nessas áreas. Com a valorização do contato com a natureza a partir da pandemia, essa demanda tende a ser cada vez maior. Esses documentos técnicos que já eram importantes instrumentos de gestão, serão cada vez mais fundamentais.

Sim, acredito. Tenho grande preocupação sobre essa mudança, pois devido ao aumento da demanda e do apelo para visitação em áreas naturais há o risco da “turistificação” dessas áreas, onde nem todas estão preparadas ou nem possuem características para este perfil de visitação.